

ORIENTAÇÕES RELEVANTES PARA O MOVIMENTO ESPÍRITA, SEGUNDO O EVANGELHO DE JESUS

Juliana de Jesus Machado¹

1. INTRODUÇÃO

Ao questionar os Espíritos sobre qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo, o Codificador obtém a mais sucinta resposta da Codificação: Jesus (Livro dos Espíritos, questão 625). E Jesus, consciente da realidade do tempo em que esteve conosco, prometeu-nos um Consolador, o Espírito de Verdade, para ensinar todas as coisas e relembrar aquilo que Ele já havia dito (Evangelho de João, 14:15 a 17 e 26).

Allan Kardec identifica o Espiritismo como este Consolador, que chama os homens à observância da lei, torna compreensível os ensinamentos de Jesus e consola todos aqueles que o buscam (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo VI, itens 3 e 4). Dessa forma, tem como proposta a revivência do Cristianismo, mas sem os dogmas, rituais e hierarquias que com o tempo a Humanidade lhe foi agregando, distanciando-o da simplicidade inicial e do seu próprio criador.

Portanto, é natural e necessário que o Movimento Espírita reflita nas características que deve possuir um movimento religioso identificado com o Cristo e que recomendações Ele deixou àqueles que continuariam a sua tarefa de evangelização da Humanidade.

O presente trabalho tem pois como objetivo identificar algumas dessas instruções que possuem grande relevância para o Movimento Espírita, herdeiro que é do Cristianismo primitivo.

2. DESENVOLVIMENTO

A vida de Jesus, narrada nos Evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos e João, é uma sucessão de ensinamentos a todos aqueles que almejam a vida futura e se esforçam pela edificação do Reino de Deus na Terra. Estes ensinamentos em sua maioria são para todos aqueles que almejam ser seus seguidores, em suas vidas privadas, relações familiares, profissionais, etc. Entretanto, deu Ele instruções específicas aos apóstolos, aqueles que, após o término do seu tempo conosco, seriam responsáveis pelo movimento cristão.

É provável que as lições mais gerais como o amor e a caridade bastassem para guiá-los, mas, tendo Jesus dado orientações especiais àqueles responsáveis pela condução do movimento cristão, também nós devemos refletir sobre as mesmas, para verificar que direcionamentos Jesus aponta ao Cristianismo redivivo, que é a Doutrina Espírita. Algumas dessas orientações são analisadas neste texto.

2.1 O Consolador prometido

A identificação da Doutrina Espírita como o Consolador prometido por Jesus já nos indica algumas funções básicas para o movimento espírita: ele deve ter o

¹ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, Manaus, Amazonas.

objetivo de explicar aquilo que Jesus não pôde, pelas características da época; relembrar aquilo que Ele já havia dito; e consolar aqueles que estejam aflitos. Nas palavras do Cristo:

“Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. (...) Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse”. (Evangelho de João, 14:15 a 17 e 26)

Para atender ao objetivo de explicar tudo aquilo que não era possível ser explicado à época de Jesus, é necessário que o movimento espírita nunca recuse importância às atividades de estudo, seja para crianças, jovens, adultos ou idosos. Obviamente, para alcançar a proposta de tudo nos explicar, não basta a existência formal de atividades de estudo. É imprescindível que estas sejam uma fonte de conhecimento tal que possamos identificá-las como meio no qual encontraremos respostas às nossas dúvidas, baseadas sempre na Doutrina Espírita.

Atividades de estudo sérias têm ainda o mérito de impedir que adentrem no movimento espírita teorias e atividades que não respeitem os postulados espíritas.

Para relembrar aquilo que o Mestre já nos havia dito, o movimento espírita deve possuir atividades cujo conteúdo seja o Evangelho de Jesus, e não apenas o Evangelho Segundo o Espiritismo. Esta obra básica, apesar de ter sua importância em razão da compilação e do estudo das principais teses morais cristãs, não possui todo o conteúdo da vida de Jesus, que deve ser estudado nos Evangelhos que narram a sua vida.

Além de atividades de estudo dos Evangelhos, é importante estimular a prática dos ensinamentos cristãos porque, muito mais do que conhecimentos extensos, a vida de Jesus é um exemplo de práticas, de vivências.

Assim, para atender bem ao título de Consolador prometido por Jesus, o movimento espírita deve possuir atividades que destaquem o papel consolador da Doutrina Espírita. Para tanto, é necessário oferecer recursos àqueles que nos buscam por conforto físico ou espiritual. Neste caso, será importante tratar a todos como indivíduos, pois as necessidades de cada um serão por certo diversificadas.

2.2 A necessidade de fé

Verificadas aquelas características mínimas para o movimento religioso que se identifica como o Consolador prometido por Jesus, é necessário atentarmos para a importância da fé, aqui entendida como a confiança em um poder superior que orienta a tudo e a todos.

Sem fé, não há razão ou substância em qualquer atividade religiosa, porque esta pressupõe a crença num poder superior e criador, que nos orienta e guia rumo à felicidade. Obviamente que estamos tratando aqui da fé raciocinada, aquela baseada em estudos, raciocínios e na compreensão dos mecanismos da vida, fruto de uma reflexão íntima da criatura no seu entorno e na vontade de Deus.

Toda a dedicação e devotamento que empregamos nas diversas atividades, bem como o sentimento em que a envolvemos depende desta relação com a Divindade, em considerarmos cada ação nossa um momento solene de

indentificação com Deus. Sem isso, a atividade religiosa se torna simples proselitismo religioso, sem substância que nos envolva.

“Não se turbe o vosso coração, credes em Deus, credes também em mim”. (Evangelho de João, 14:1)

Com estas palavras, Jesus nos ressaltou a necessidade de confiarmos nos desígnios do Pai, porque existirão momentos em que apenas a confiança irrestrita na vontade dEle nos garantirá a paz e a tranqüilidade necessárias para seguirmos adiante. Os apóstolos em muitos momentos esqueceram essas orientações e o Mestre aproveitou todos os momentos para lembrar-lhes de que não estavam só.

Foi o que aconteceu quando uma tempestade alcançou o barco onde estavam. Temerosos do porvir, eles acordaram Jesus. Tendo acalmado a tormenta, Ele pergunta:

“Porque tendes medo, homens fracos na fé?” (Evangelho de Mateus, 8:26)

Todos nós que trabalhamos na seara do Mestre devemos confiar que Ele está conosco no barco, está ciente de nossas possibilidades e não nos deixará perecer. A tranqüilidade, fruto da fé nEle, é fundamental para que consigamos observar os avisos e orientações que Ele nos envia, bem como aproveitar aquelas oportunidades em que nada mais há o que fazer, a não ser resignar-se.

Importa considerar, contudo, que a falta de fé não impede Jesus de nos auxiliar. No exemplo citado, primeiro Ele acalma a tempestade e depois chama a atenção para a questão da fé. Em outros momentos há o mesmo tipo de tratamento, como quando Zacarias duvida do nascimento de João Batista (Evangelho de Lucas, 1: 18 a 20) ou quando Tomé precisa ver as marcas na mão do Mestre para acreditar tratar-se mesmo dEle. **Felizes os que não viram e creram** (Evangelho de João, 20:29). Em nenhum dos casos foi negada a benção a eles em razão da incredulidade.

Em nossa atual situação evolutiva, contudo, a fé absoluta em Deus e Jesus ainda não é possível. É necessário ampliá-la através do estudo, que nos possibilite compreender melhor os mecanismos da vida, bem como exercitá-la, através de atividades que nos coloquem em contato com uma vibração superior que vá nos capacitando à percepção da vontade de Deus em nossas vidas.

Muito importante nesse processo é envidar todos os nossos esforços para que as atividades corriqueiras não se tornem uma rotina, pois dessa forma deixamos de refletir e sentir a Divindade e então, ocorrendo algo fora do comum nos desesperamos. Desesperados dificilmente conseguiremos captar a influência espiritual superior.

2.3 A importância da humildade

Aquele que desempenha o papel de divulgador da doutrina cristã, qualquer que seja a forma de trabalho, tem o dever da humildade. Este dever existe não apenas pelo exemplo que dá àqueles que o ouvem e têm contato com Jesus por seu intermédio, mas também porque somente aquele que já reconheceu-se pequeno diante da Divindade é que pode compreender o seu papel e sua importância no trabalho do bem.

“Aquele que dentre vós quiser ser o grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, que seja servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser

servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muito". (Evangelho de Marcos, 10: 43 a 45)

Num dos momentos mais marcantes da vida de Jesus, quando Ele dava as orientações finais aos apóstolos na última ceia, foi este o ensinamento mais marcante, pelo exemplo que deu ao lavar os pés de cada um presente. Ali, Ele apresentava a humildade como padrão de conduta a todos que desejassem segui-LO. ***Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também*** (Evangelho de João, 13:4 a 15).

O movimento espírita deve então se precaver para que a hierarquia não surja ainda que disfarçada em seu meio, para que aqueles que hoje desempenham funções de liderança saibam ser os primeiros a dar o exemplo de humildade no serviço ao próximo. Na casa do Cristo não há atividade menos meritória. O que importa é o sentimento que empregamos nela, seja presidindo uma instituição, seja cuidando da limpeza do mesmo.

2.4 As necessidades do próximo

A proposta de Jesus, e assim a do Espiritismo, é uma proposta pedagógica de regeneração da Humanidade, fruto da regeneração do indivíduo. Portanto, todos aqueles que atuam no movimento cristão devem observar as características dos destinatários da ação, para que ela tenham um resultado positivo.

O próprio Jesus apequenou-se para vir ter conosco, ensinando-nos através de parábolas, deu exemplos, dialogou individualmente, ciente de que a nossa condição evolutiva de então não comportava mais que isso. Como ignorar que nossas atividades devem estar de acordo com as necessidades dos que nos buscam e não o inverso?

"Assim que desembarcou, viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou seus doentes. Chegada a tarde, aproximaram-se dele seus discípulos, dizendo: O lugar é deserto e a hora já está avançada. Despede as multidões para que vão aos povoados comprar alimentos para si. Mas Jesus lhes disse: Não é preciso que vão embora. Dai-lhes vós de comer". (Evangelho de Mateus, 14: 15 a 21)

O que observamos nesta passagem é que primeiramente Jesus atende às necessidades mais imediatas da multidão, sejam elas a saúde ou a alimentação (esta é a passagem da multiplicação dos pães). Somente após Ele passa à pregação do Reino de Deus.

Importante pois refletir sobre algumas situações vivenciadas na Casa Espírita: É conveniente, benéfico e até mesmo útil enaminhar alguém em processo obsessivo de subjugação ou possessão para um estudo em grupo? Dar passe a quem tem sede de conhecimento? Oferecer palestra a quem tem fome de alimentos? Se nós não conhecermos as necessidades daqueles que buscam a Doutrina Espírita por nosso intermédio, teremos muitas chances de não atendê-los a contento.

A título de exemplo, podemos citar a Fundação Allan Kardec, pois a nossa Casa adota essa postura, organizando suas atividades em torno das necessidades daqueles que a buscam. Assim, temos diretorias e/ou atividades caracterizadas pela necessidade de alívio urgente do sofrimento de quem nos busca, de apoio à reforma íntima, de aprendizado, mecânicas específicas para crianças, jovens, adultos e idosos, de exercício do amor. É uma constante busca por melhor atender o nosso próximo.

2.5 Orientações de ação aos discípulos

Em dois momentos Jesus dá orientações concretas aos apóstolos, no que concerne à atividade de evangelização da Humanidade. Num primeiro momento, Ele os manda pelas regiões da Palestina de então, para anunciarem a Boa Nova, realizarem curas e expulsarem Espíritos maus (Evangelho de Lucas, 9: 1 a 6). A mesma espécie de orientação Ele dá aos 72 que se seguiram (Evangelho de Lucas, 10:1 a 24).

Posteriormente, na última ceia, Jesus relembra essas orientações e faz outras diferentes, para os momentos que se seguiriam sem sua presença física. Após a ressurreição, também o Mestre aproveitou os momentos finais para orientar seus escolhidos (Evangelho de Lucas, 24: 44 a 49 e Evangelho de João, 21:1 23).

Essas orientações não podem ser entedidas como dirigidas apenas aos apóstolos de Jesus daquele tempo, pois as lições do Mestre se dirigem sempre à Humanidade e à eternidade. Então, é possível entender que estas são orientações à nós, apóstolos de Jesus da atualidade, a quem Ele pede que nos dirijamos às ovelhas perdidas da Casa de Israel, como a repetir que não são os sãos que necessitam de médicos, mas os doentes. Isto quer dizer que devemos buscar espalhar a Boa Nova àqueles que mais necessitam, ou seja, aqueles que menos têm acesso a qualquer ensinamento moral.

Pede-nos Jesus que levemos a cura e a paz aos que delas necessitem. Interessante notar que Ele não nos pede que auxiliemos aqueles que nos buscam, mas que levemos a cura e a paz àqueles que necessitam.

Nos manda o Messias nada pedir em troca do que damos em seu nome e que não nos preocupemos com vestimentas e alimentos. É bem verdade que esta última orientação modificou-se com o afastamento físico de Jesus. ***Agora, porém, aquele que tem uma bolsa tome-a, como também aquele que tem um alforje; e quem não tiver uma espada, venda seu manto para comprar uma*** (Evangelho de Lucas, 22:36). A prudência com os recursos físicos seria necessária, mas nunca foi permitido o excesso! ***Disseram eles: Senhor, eis aqui duas espadas. Ele respondeu: É suficiente!*** (Evangelho de Lucas, 22: 38).

A regra, contudo, permanece a mesma: se recebemos de graça o ensinamento ou o conforto, devemos também dá-los de graça. Não há como compreender um movimento religioso cristão que tenha luxos ou sobressalentes, que cobre taxas daqueles que auxilia. Jesus pede-nos prudência apenas para termos o que é suficiente para garantir a nossa ação e este mínimo deve ser conseguido de outra forma que não a cobrança pela nossa boa ação.

Orientou-nos para que nos instalássemos em casas dignas, para não desperdiçar nossas energias com aqueles que ainda não têm interesse no Evangelho e que, se não aceitassem nossas pregações, que deixássemos para trás até mesmo o pó das sandálias, ou seja, que não guardássemos rancor ou mágoas e seguissemos adiante. Certamente, a rejeição estará presente, pois como não temos o mesmo trajeto evolutivo, nem todos estão preparados para receber a Boa Nova apenas porque decidimos divulgá-la.

O resultado aparentemente negativo, contudo, não pode nos fazer esmorecer, pois nossa fé deve estar baseada na nossa relação com o Mestre, e não nos

sucessos aparentes que obtivermos no caminho. Apenas aquele que persevera até o fim é que será considerado vitorioso, pois seguir Jesus não é uma decisão de momento, mas uma opção de vida.

O movimento espírita, portanto, não é um movimento quantitativo, mas qualitativo. Não deveríamos nos preocupar se temos mais participantes nesse ou naquele tipo de atividade. Não nos cabe insistir com aqueles que não desejam o ensinamento cristão. Não é assim que auferiremos se alcançamos nossos objetivos. A reflexão sincera nos objetivos do movimento espírita e sobretudo a nossa paz interior são as melhores formas de verificarmos se estamos trilhando bem nosso caminho. Importa para Jesus que nós perseveremos até o fim e não quantos adeptos nós conquistamos.

Alertou-nos também o Mestre de que seriam necessárias muita prudência e simplicidade para os enfrentamentos, pois que Ele nos envia a pregar onde a Boa Nova ainda não é regra de conduta – não era no seu tempo, também não é nos dias de hoje. A vigilância e a oração são sempre nossos melhores instrumentos. O movimento espírita, por vezes, repete a assertiva inversamente – oração e vigilância. Entretanto, a orientação do Mestre é de vigilância primeiramente, pois de nada adianta orarmos e estarmos em comunicação constante com a espiritualidade, se não vigiarmos antes de tudo nós mesmos, nossos pensamentos e nossas tendências.

Jesus avisou-nos dos sofrimentos vindouros, para não acharmos que bastava optar por segui-LO e que já estaríamos salvos. É necessário muito trabalho para obtermos o Reino de Deus. É preciso que nós, os trabalhadores espíritas, compreendamos que os primeiros beneficiários do nosso trabalho somos nós mesmo e que, com raras exceções, não existem missionários entre nós, mas Espíritos ainda endurecidos no início da caminhada para o Pai. Portanto, o movimento espírita necessita de atividades de auxílio aos trabalhadores, pois que estes não são perfeitos e costumeiramente também necessitam de auxílio.

“Cuidado, acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus! (...) Então compreenderam que não dissera acautelai-vos do fermento do pão, mas sim do ensinamento dos fariseus e dos saduceus”. (Evangelho de Mateus, 16: 6 a 12)

Por esta razão, por ainda estarmos iniciando a caminhada evolutiva junto ao Cristo, é imperioso que tenhamos cuidado para não absorvermos no seio do movimento espírita atividades e teorias que não condizem com os ensinamentos do Cristo e dos Espíritos. Mesmo no seio espírita, haverá falsos cristos e falsos profetas. Somente um estudo constante e sério, aliado a uma reflexão profunda sobre os objetivos de cada atividade que nos propomos a realizar ou de cada teoria que nos apresentam pode nos precaver contra esses perigos.

2.6 O amor como marco

A marca maior de um discípulo de Jesus é o amor que ele devota aos seus companheiros de atividade, aos seus próximos, aos seus semelhantes.

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. (Evangelho de João, 13:34 e 35)

Um movimento religioso com base no Cristo é, portanto, um movimento de amor. A orientação é assaz importante pois a condição de discípulo só será

reconhecida àqueles que demonstrarem amor aos demais trabalhadores da seara do Mestre. Não basta, portanto, ter um bom relacionamento, cumprimentar, sorrir ao encontrar – Jesus fala da necessidade de amar. Não é, todavia, qualquer amor que basta para o reconhecimento. É o amor conforme Ele nos ensinou, no seu padrão: um amor que auxilia, que perdoa, que estimula, que educa, que conforta, que se humilha e que se dá em martírio em favor do próximo.

De nada adiantarão as diversas atividades e estudos se não nos esforçarmos para amarmos nossos companheiros de trabalho no bem. E para amar precisamos conviver, conversar, compartilhar. Sem isso, não seremos reconhecidos como discípulos do Mestre.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar sua pregação, Jesus utiliza-se do barco de Simão Pedro, solicitando-lhe que se afastasse um pouco da margem (Evangelho de Lucas, 5:2 a 10). Também nós quando somos inicialmente convocados por Jesus ao serviço do bem fazemos um breve afastamento das coisas materiais. Com este pequeno auxílio, Jesus já consegue divulgar a Boa Nova por nosso intermédio ou, de outro modo, utilizando-se de nosso barco.

Feita a pregação inicial, Jesus solicita a Simão Pedro que se afaste ainda mais, pois Ele deseja pescar. São os momentos das provações, dos desafios, das dificuldades, representados pelo mar alto. O futuro apóstolo não crê na possibilidade, mas atende o desejo do Mestre. Também nós muitas vezes não compreendemos as razões pelas quais determinados eventos ocorrem em nossas vidas. O que nos diferenciara ou não do apóstolo é a fé na condução do Messias. Afinal, Ele está no nosso barco.

Confiando nEle e na sua condução de nossas vidas, podemos esperar grandes resultados, como a pesca milagrosa realizada por Simão Pedro. E esses resultados positivos serão de tal monta, trazendo consigo novos e também grandes desafios, que será necessário que outros auxiliem a recolher a quantidade de peixes, ou a realizar a quantidade de atividades necessárias ao trabalho no bem de quem já está em mar alto a serviço de Jesus. Sozinho, não é mais possível.

Assim, surge a necessidade do movimento, da união de pessoas que possuem objetivos comuns na obra do bem, no nosso caso, com base nos ensinamentos dos Espíritos, revivendo as lições do grande Mestre.

E é quando Simão Pedro reconhece-se pequeno diante do Senhor, imperfeito e impuro para estar em sua companhia, que o mesmo recebe o convite imorredouro para se tornar um pescador de almas.

Ser apóstolo do Cristo significa então ter e exercitar a **fé como requisito fundamental** para o apostolado; fazer da **humildade a regra de conduta** em todas as situações; pensar nas **necessidades do próximo antes das nossas**; conhecer e refletir sobre as **orientações do Mestre para nossa ação** e, sobretudo, ter o amor como padrão no relacionamento com nossos irmãos de trabalho.

Também nós devemos refletir nas nossas características pessoais como trabalhadores do Cristo, seus apóstolos na Terra, bem como nas características e atividades que o nosso movimento em conjunto em torno do Bem e a favor da divulgação da Boa Nova hoje possuem. Somos conjuntamente responsáveis,

seremos individualmente responsabilizados pelas nossas contribuições. Não há mais como apenas fazer, é necessário refletir!

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JERUSALÉM, Bíblia de. 3. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2002;

KARDEC, Allan. *Livro dos Espíritos*. 86. ed. Traduzido por Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2005;

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 124. ed. Traduzido por Guillon Ribeiro Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2004.